

porcelana chinesa ou os grandes contentores cerâmicos destinados ao armazenamento de especiarias raras. De África, cerâmica comum e utilitária...

Contudo, simultaneamente à circulação destas importações, merece menção a produção lisboeta. Com inigualável expressão nos quotidianos, estes artefactos cerâmicos retêm em si forte significado, contendo elementos próprios que permitem a sua distinção, com ou sem revestimento vidrado, com ou sem inspiração italiana ou chinesa, mais ou menos coloridas, de quotidiano ou aparato.

É este universo objectual que melhor espelha os novos hábitos de época moderna impulsionados pela crescente comunicação com outras geografias: a utilização da cerâmica de uso individual, preocupação crescente na Europa quinhentista; o consumo de tabaco proveniente da América e tão apreciado nas vivências do Velho Mundo e que se traduz na vulgarização do cachimbo; o cacau de igual proveniência ou o café de origem africana e que rapidamente se dissemina globalmente, assistindo-se à criação de formas cerâmicas específicas. Acrescente-se o comércio açucareiro que trouxe novos, mas fortes, hábitos introduzidos nos quotidianos alimentares atestados pela existência de pequenos recipientes associados a este consumo.

Refira-se que os europeus não importaram somente os objectos: com eles veio o *know-how*, chegaram as gentes detentoras do conhecimento e da materialização deste sendo exemplo disso a presença de oleiros estrangeiros a laborar em olarias lisboetas.

Deste modo, o objecto exumado nas inúmeras intervenções arqueológicas em Lisboa não deve, nem pode, ser analisado enquanto elemento isolado, mas sim enquanto fonte para o estudo da História da Idade Moderna a par das fontes documentais históricas, não obstante as suas metodologias e problemáticas de abordagem próprias e científicas. São estas peças, desafortunadamente apartadas por investigadores, que persistem no tempo e que permanecem 'vivas' e tangíveis aos arqueólogos contemporâneos, frequentemente intocáveis desde o seu proprietário que pela última vez o manuseou.

A presente proposta pretende divulgar os objectos que a Lisboa afluíam mas, também, a análise das produções lisboetas, sugerindo-se a criação de *fácies* cerâmicos para a cidade e, para este fim, serão expostas peças provenientes de intervenções arqueológicas, nomeadamente da actual Praça da Figueira (extinto Hospital Real de Todos-os-Santos, 1492-1775) e as respectivas cerâmicas quinhentistas; da Rua dos Correeiros, contexto

formado no século XVII-XVIII e, por fim, uma intervenção no actual Mercado da Ribeira, conjunto resultante de aterros e com panóplia variada de artefactos do século XVIII pleno.

NOTA BIOGRÁFICA

ANDRÉ BARGÃO

Licenciado (2013) e Mestre em Arqueologia (2015), com tese na área da Arqueologia Moderna, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (NOVA-FCSH). Desenvolve Doutoramento em História, especialização em Arqueologia na mesma instituição, com bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com o tema “Hospital Real de Todos-os-Santos, Lisboa: Arqueologia e Arquitectura de um espaço assistencial de época moderna (séculos XV-XVIII)”.

É assistente de investigação do Centro de Humanidades (CHAM) desde 2015, integrando o grupo de investigação «Arqueologia Moderna e da Expansão Portuguesa».

Desde 2009 que participa em diversas intervenções arqueológicas de contexto de época moderna, nomeadamente: Almeida e Castelo Mendo (Guarda); Montemor-o-Novo (Évora); Alcacer-Ceguer e Safim (Marrocos).

No âmbito empresarial intervencionou uma dezena de contextos em Lisboa, integrando, dirigindo e co-dirigindo intervenções. Realiza e publica estudos de contextos e materiais arqueológicos de época moderna de diversos locais do país, especialmente Lisboa mas, igualmente, espanhóis (Ceuta) e marroquinos (Álcacer-Ceguer).

SARA FERREIRA

Licenciada (2012) e Mestre em Arqueologia (2015) com tese na área da Arqueologia Moderna, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (NOVA-FCSH). Desenvolve Doutoramento em História, especialização em Arqueologia na mesma instituição, com bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com o tema “Negócio da China: Comércio e Consumo de porcelana oriental em Lisboa (séculos XVI-